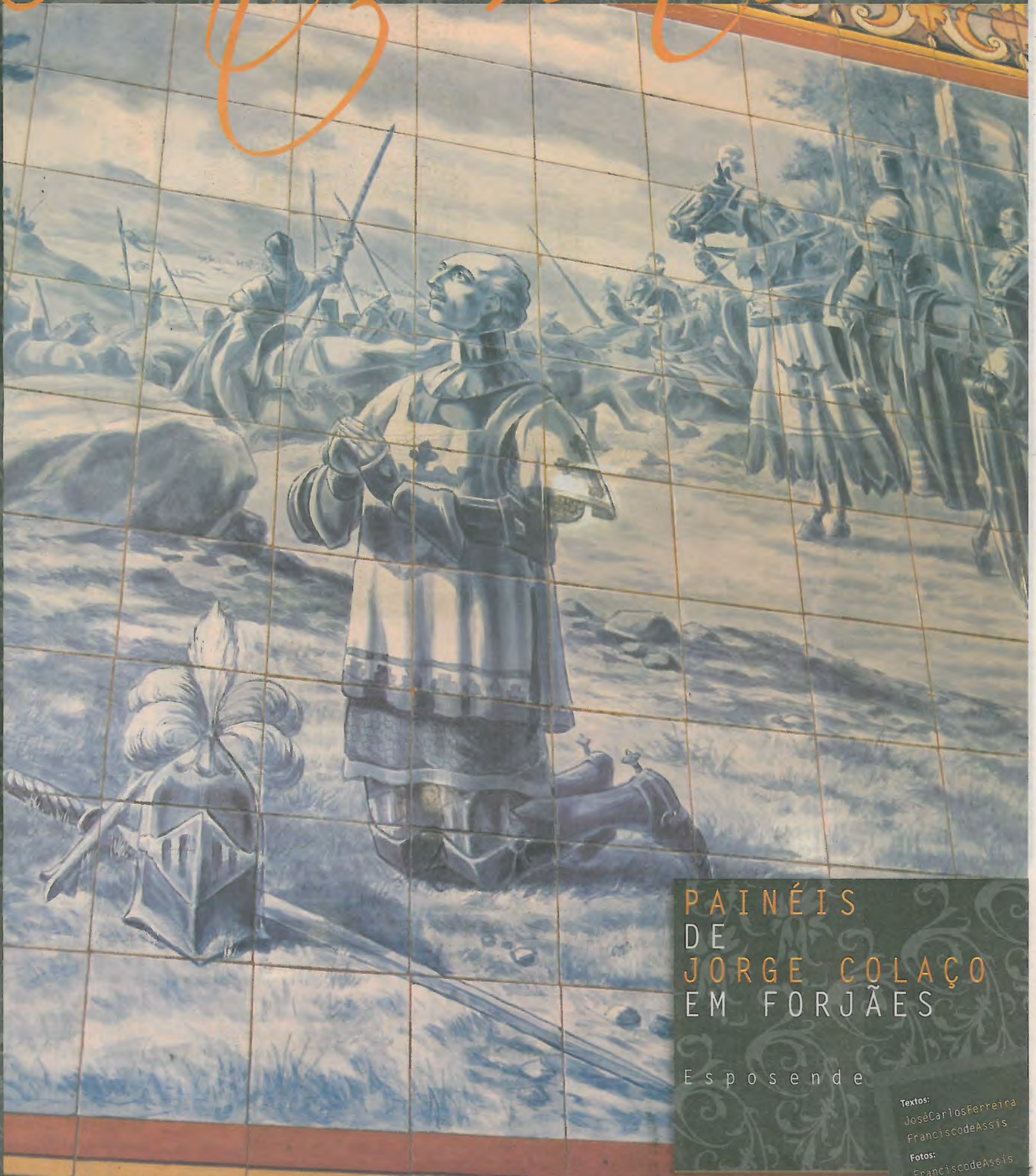


23 DE NOVEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27963
de 23 de Novembro de 2007,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



PAINÉIS
DE
JORGE COLAÇO
EM FORJÃES

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" de hoje é dedicado aos "Painéis de Azulejos de Forjães", considerados um dos melhores conjuntos feitos pelo famoso pintor de azulejos e caricaturista Jorge Colaço. É, por isso, uma edição praticamente inédita e acreditamos que seja surpreendente para muita gente, mesmo para naturais de Esposende.

A surpresa reside, por um lado, na localização dos painéis.

Jorge Colaço é um artista com trabalhos em todo o País e no estrangeiro, designadamente em Inglaterra, Uruguai, Cuba, Brasil, entre outros. E o maior e melhor conjunto está justamente na pequena aldeia de Forjães, em Esposende.

Esta preciosidade artística e patrimonial está em Forjães porque o seu patrocinador, António Rodrigues Alves de Faria, um "torna-viagem", natural de Forjães, esteve no Brasil, onde fez fortuna, regressou para dar alguma coisa à sua terra natal. E deu o melhor que se pode dar a um povo: Educação. Dentro de um espírito nacionalista, construiu escola de qualidade superior e dotou-a de excepcionais condições para a época e decorou-a com painéis de azulejos que invocam os grandes feitos da pátria portuguesa, registados nos livros de história. "Camões e os Lusíadas", "O tritão" e "O piloto cristão", a "Descoberta do Brasil", "África e o Oriente", as grandes batalhas, são alguns dos temas tratados. Além dos painéis, destaque para as cartelas de escritores e personalidades da época. É um património que merece ser visitado na Junta de Freguesia e Centro Cultural de Forjães.

A freguesia de Forjães pode orgulhar-se de ter tido durante muitos anos a melhor escola primária do país, o que motivou mesmo a visita de Oliveira Salazar, que quis conhecer o edifício. Actualmente a albergar a Junta de Freguesia, esta construção foi totalmente patrocinada por António Rodrigues de Faria, que fez fortuna no Brasil, e, não tendo descendentes, decidiu investir no desenvolvimento da sua terra. Segundo o historiador Manuel Al-

Rodrigues de Faria construiu a melhor escola do país em Forjães



> Busto de António Rodrigues de Faria junto à escola que mandou construir

bino Penteadado Neiva, nos finais do século XIX nasceu em Forjães um dos homens que veio revolucionar a vida social do concelho de Esposende e que foi António Rodrigues de Faria. «Este homem emigrou muito novo para o Brasil, fez lá uma fortuna incalculável e regressou ainda novo à sua terra natal. Não tendo filhos procurou utilizar a avultada fortuna ganha no Brasil no bem-estar das pessoas, não só da sua freguesia, mas de todo o concelho», afirma. O investigador conta que este foi um benemérito que apoiou, por exemplo, a edificação do hospital de Esposende, a construção de estradas e, na altura da peste pneumónica, fez da sua casa um hospital, contratando médicos, para ajudar as famílias atingidas por este flagelo.

«Mas, acima de tudo, foi um homem que olhou para a freguesia que o viu nascer, como um espaço privilegiado para aplicar grande parte da sua fortuna», acrescenta. Assim, uma das suas grandes dádivas a Forjães foi a escola primária, cuja construção foi totalmente patrocinada com o seu dinheiro. Manuel Albino Penteadado Neiva realça que António Rodrigues de Faria, na década de 20 do século XX, estava

convicto que o país não era capaz de progredir se não investisse na área da educação, ou seja, ele acreditava que a instrução era a base da formação do indivíduo, tratando-se de um pensamento que pode ser considerado vanguardista para aquela época.

«Portanto, ele pagou a expensas suas a construção da escola em Forjães que, na altura foi considerada o melhor edifício escolar de Portugal. Aliás, ele foi mesmo considerado naquela época um dos mais imponentes edifícios do Estado Novo a nível de escolas nas freguesias rurais, ao ponto de receber a visita de Salazar e de quase todos os governantes ligados à Educação», afirma o historiador.

Quem terá sido o autor do projecto?

Segundo o investigador há dúvidas sobre quem terá sido o autor do projecto desta escola, apontada como um marco importante na pedagogia do Estado Novo.

«As escolas no país tiveram os seus arquitectos, como Adães Bermude e Raul Lino, entre outros. E, esta escola de Forjães não se enquadra em nenhum dos seus projectos, nem obedece ao Plano Centenário,

ou seja, não obedece a nenhum dos projectos elaborados pelos arquitectos que marcaram um estilo nestes estabelecimentos de ensino nos princípios do século XX», sustenta. No entanto, acrescenta, «se olharmos para este edifício e compararmos com os edifícios das escolas normais do Porto, verificamos que há muitas semelhanças». Assim, para Manuel Albino Penteadado Neiva, António Rodrigues de Faria «terá tido o cuidado de contratar um excelente arquitecto para a construção da escola primária de Forjães».

«Há aqui uma dúvida que persiste em todas as pessoas que têm estudado este edifício na vertente pedagógica e da arquitectura. Será que isto não terá nada que ver com o arquitecto Ventura Terra? Sabemos que na altura o Ventura Terra já não era vivo. No entanto, também é sabido que António Rodrigues de Faria conheceu aquele arquitecto na altura da construção do Hospital de Esposende e é provável que ele lhe tenha feito um pequeno esboço do que seria uma escola e, depois, um outro arquitecto terá trabalhado o projecto em si», sustenta o historiador.

Mas, tirando esta interrogação, a verdade é que António Rodrigues

de Faria, para além de pagar o projecto, a construção da escola e todo o mobiliário, que pretendeu que fosse o melhor existente naquela época, faz questão que o estabelecimento de ensino tivesse um auditório para actividades lúdicas das crianças, um ginásio e uma cantina. Para o Manuel Albino Penteadado Neiva, «naquela época, este era um projecto altamente inovador e, quase podemos dizer, único».

«Ele, na altura, achou também, que o espaço físico também devia ser educador, isto é, ao entrar-se no edifício, as pessoas deveriam aprender com ele. E, por isso, ele vai contratar um dos maiores azulejadores portugueses, na área dos painéis historiados. Estamos a falar de Jorge Colaço. Ele contrata-o para trabalhar as paredes do edifício», conta. Assim, para além de ter construído um edifício singular no panorama da educação em Portugal, António Rodrigues de Faria colocou a "cereja em cima do bolo", contratando Jorge Colaço, que elaborou em Forjães, entre Março e Setembro de 1933, uma obra considerada por especialista como o maior conjunto de painéis da história de Portugal existente no nosso país.

Jorge Colaço foi exímio na pintura, caricatura e no azulejo

Nascido a 26 de Fevereiro de 1868 no Consulado de Portugal em Tânger, Jorge Colaço destacou-se ao longo da sua vida pela sua produção artística, sendo opinião generalizada entre os historiadores de arte que ele foi exímio na pintura, na caricatura e, sobretudo, no azulejo, onde adoptou técnicas e processos considerados na época inovadores. Descendente de uma família portuguesa radicada em Marrocos desde o final do século XVI, Jorge Colaço mostrou desde muito cedo uma decidida vocação para as artes plásticas, que o levou a estudar pintura em Madrid logo que terminou os estudos preparatórios na Escola de Lisboa, tendo sido discípulo de Laroche e de Fontan. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, «em 1886, subsidiado pelo Conde Daupias, fixa-se em Paris, onde permaneceu sete anos frequentando as aulas do célebre pintor F. Cormon», tendo sido admitido, em 1893, no Salon, «o que nessa época era uma honraria disputada pelos artistas e raramente concedida a estrangeiros».

Depois de um regresso a Tânger e de uma incursão na carreira diplomática, assumindo o cargo de vice-cônsul, Jorge Colaço conclui em 1896 que o seu futuro passava pelas artes. «Já nesta altura os seus méritos de caricaturista eram devidamente apreciados. Foi nomeado director do Suplemento Humorístico do jornal "O Século", cargo que desempenhou entre 1897 e 1907», conta Penteado Neiva num trabalho que elaborou sobre este artista. No entanto, não foi só com o humorismo que Jorge Colaço se destacou. «Dedicou-se à pintura a óleo e o mérito dos seus trabalhos, geralmente, encomendados por entidades oficiais ou particulares, hoje alguns em galerias públicas, valeu-lhe em 1902 a medalha da Sociedade Nacional de Belas-Artes, agremiação de que foi um dos mais activos e decididos fundadores e a que presidiu durante seis anos», conta o historiador.

Renovador da azulejaria

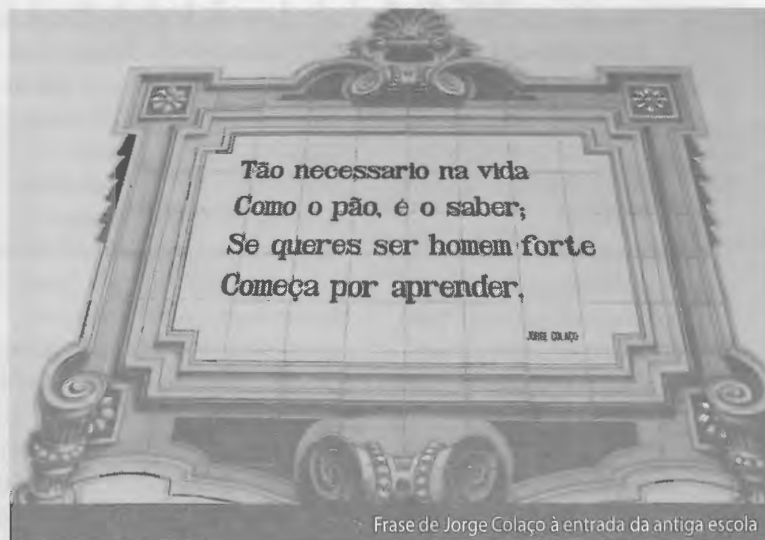
Depois da caricatura e da pintura a óleo, Jorge Colaço dedicou uma grande parte da sua atenção ao azulejo, revelando-se, a par de Rafael Bordalo Pinheiro, um dos grandes renovadores da azulejaria portuguesa, tendo mesmo criado uma nova modalidade de processos técnicos. «Graças à sua formação cultural histórica e nacionalista, Colaço consegue traduzir de uma forma impressionante para a azulejaria os seus temas favoritos em decorações



Jorge Colaço tem obras espalhadas por vários pontos do país e do mundo

murais», afirma Penteado Neiva. Segundo refere, algumas das suas criações foram mesmo premiadas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, conseguindo também a medalha de honra na Exposição do Rio de Janeiro. Penteado Neiva salienta que, «esses grandes e notáveis painéis de azulejos espalhados por todo o país, em residências particulares,

pavilhões, edifícios e jardins públicos, passaram além-fronteiras e, Jorge Colaço está representado no Palácio de Windsor, por um tríptico alusivo à visita da Rainha Alexandra a Portugal, feito por encomenda do Marquês de Soveral; no Palácio da Sociedade das Nações, em Genebra; no Hospital Modelo da Maternidade de Buenos Aires; e no Palácio do Presidente Marechal Monreal, em



Frase de Jorge Colaço à entrada da antiga escola

Cuba». As suas obras encontram-se ainda em residências particulares em Cuba, Uruguai e no Brasil, nomeadamente em Teresopolis, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Preso a uma corrente nacionalista e revivalista, com a pintura de temas históricos e de monumentos, Colaço «usou a técnica tradicional da pintura a pincel sobre o vidro estanífero», imitando, com facilidade, os estilos do passado, nomeadamente o barroco, afirma Penteado Neiva, citando a investigadora Sandra Araújo de Amorim.

Segundo o historiador, «são usualmente apresentados, como obra de referência de Jorge Colaço, os célebres painéis historiados da Estação Ferroviária de S. Bento, no Porto», que «foram realizados na Fábrica de Sacavém no ano de 1915» e que hoje se encontram em mau estado de conservação, estando alguns dos

azulejos presos com fita cola. Outra grande obra sua de referência são os painéis das paredes do Grande Hotel do Buçaco, também realizados na Fábrica de Sacavém, mas em 1907. São também dele os painéis que ornaram as igrejas dos Congregados e de Santo Ildefonso, no Porto. «Estamos certos ter sido esta a melhor fase da vida artística do pintor e também o momento em que os arquitectos lhe reservaram espaços de grande nobreza, permitindo-lhe dar azo à sua vertente patriótica. Trabalhou de uma forma ímpar, articulando os elementos graníticos (molduras) com os azulejos, criando, no entanto, muitas vezes as suas próprias molduras em azulejo com diferentes motivos.

Jorge Colaço, primo da grande senhora do teatro português, D. Amélia Rey Colaço Robles Monteiro, faleceu em Caxias, em 23 de Agosto de 1942.



Painel de Afonso de Albuquerque em Ormuz

Invocação de histórias e lendas descritas nos Lusíadas de Camões

Antes de entrarmos propriamente nos factos históricos e lendas descritas nos painéis de Forjães, convém enquadrar os azulejos na história, na arquitectura e na decoração em Portugal.

O casamento entre a arquitectura e a cerâmica vidrada, conhecida por azulejo, começou no antigo Egipto e chegou à Europa através da expansão islâmica. Esta arte chegou a Portugal, pelo menos como decoração de edifícios, através do rei D. Manuel I, na sequência de uma viagem que o monarca fez a Espanha, em 1498, nomeadamente às regiões de Saragoça, Toledo e Andaluzia. O rei português ficara encantado com o que viu no Alcazar de Sevilha e quis fazer o mesmo no Palácio de Sintra. Pode-se dizer que foi o início do desenvolvimento de uma arte de rara beleza, que está presente na decoração dos mais importantes monumentos nacionais. Os motivos são os mais variados, de acordo com motivações religiosas, políticas, ideológicas, históricas, entre outras. Fixando agora nos painéis de Jorge Colaço, em Forjães, Esposende, a arte está espalhada em quatro salas do edifício do Centro Cultural e Junta de Freguesia. Os painéis foram agrupados por temas, formando quatro grupos, sobre os quais falaremos nas três páginas seguintes. Neste primeiro grupo, vamos abordar "Camões e os Lusíadas". O painel da Sala da Presidência retrata a lenda do Adamastor, «um episódio da mais genial inspiração e profundo significado de os Lusíadas», na opinião de Manuel Albino Penteadó Neiva, historiador de Esposende, um confesso admirador das obras de arte.

Curiosamente, o tema do "Adamastor" é recorrente em Jorge Colaço. Em 1907, já tinha feito um quadro com o tema no Palácio do Buçaco. O quadro, em azul-cobalto, com moldura, mostra o diálogo entre o navegante Vasco da Gama e o Adamastor, ou seja, entre o homem e o mundo desconhecido. O Adamastor é interpretado como um mítico gigante da mitologia greco-romana que representa as forças da natureza contra Vasco da Gama. Um monstro que afundava as naus que tentassem atravessar o Cabo da Boa Esperança. Geograficamente, ficava situada na extremidade Sul do continente africano, na confluência dos oceanos Atlântico e Índico.

No Canto V, estrofe 39, dos Lusíadas, Luís Vaz de Camões descreve assim o Adamastor: «Não acabava, quando uma figura se nos mostra no ar, robusta e válida; de disforme e grandíssima estatura, o rosto carregado, a barba esqualida, os olhos encovados e a postura medonha e má a cor terrena e pálida; cheios de terra e crespos os cabelos, a boca negra, os dentes amarelos».

A partir desta descrição o artista Jorge Colaço fez uma pintura efectivamente medonha a tentar afundar um barco. É um dos painéis que mais impressiona não só pela imponência, mas também pela qualidade artística. O Adamastor só "desapareceu" quando o Cabo das Tormentas foi dobrado pelo navegador português Bartolomeu Dias, em 1487.

Episódios do "Tritão" e do "piloto cristão"

Outro dos painéis, também da "Sala da Presidência", retrata dois episódios igualmente descritos nos Lusíadas. Mais uma vez nota-se a



> Figura do Adamastor a tentar afundar uma caravela

capacidade imaginativa e criativa de Luís de Camões, na senda das descobertas portuguesas.

No Canto III, Camões diz: «Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso, vai a linda Dione furiosa; não sente quem a leva o doce peso, de soberbo com carga formosa. Já chegam perto donde o vento teso, enche as velas da frota belicosa; repartem-se e rodeia nesse instante as naus ligeiras, que iam por diante».

Ora o "Tritão", tanto pode ser um satélite de Neptuno como um animal, uma espécie de salamandra, um deus marinho, na mitologia grega. O pintor e caricaturista Jorge Colaço também pegou na história do "pi-

loto cristão", quando Vasco da Gama chegou a Melinda, Quénia, depois de passar pelo porto de Mombaça, também no Quénia, em Abril de 1498, de onde foi corrido. O piloto cristão vai dar segurança na viagem até à "terra prometida", Calecute, na Índia. «Outras palavras tais lhe respondia

o capitão, e logo, as velas dando, para as terras de Aurora partia, que tanto tempo há já que vai buscando. O piloto que leva não havia falsidade, mas antes vai mostrando a navegação certa; e assim caminha já mais seguro do que dantes vinha», pode ler-se no Canto VI.



> O piloto cristão ajudou o navegador, Vasco da Gama



> A lenda do Tritão, neste caso um animal marinho

ENCONTRO ENTRE VASCO DA GAMA E ALEXANDRE MAGNO

Jorge Colaço pinta em azulejos a Epopeia dos Descobrimentos

Quem entrar na "Sala da Secretaria" do Centro Cultural de Forjães" depara-se com um quadro que podemos dizer que é a conjugação da arte de dois génios. Luís Vaz de Camões, na arte de bem escrever e de criar, através dos Lusíadas; e Jorge Colaço, na arte de bem interpretar, desenhar e pintar os relatos do escritor-mor português. O resultado é um quadro artístico e com história dos Descobrimentos Portugueses. Um dos painéis mostra-nos um encontro entre Vasco da Gama e Alexandre Magno, também conhecido como Alexandre "O Grande". O escritor apresenta várias figuras mitológicas, alegadamente da Índia, como são os casos de Baco, um traidor dos portugueses, e Semíramis.

Manuel Albino Penteado Neiva nota que Camões recua na história, descrevendo Alexandre Magno, não como filho de Filipe da Macedónia, mas como filho da divindade Júpiter. Camões descreve assim Alexandre "O Grande", um «potente imperador», no Canto VII, mostrando a sua admiração. «Um grande Rei, de lá das partes onde o Céu volúbil, com perpétua roda, da terra a luz solar co'a Terra esconde, tingindo, a que deixou, de escura noda, ouvindo do rumor que lá responde o eco, como em ti da Índia toda o principado está e a majestade, vínculo quer contigo amizade».

Na tentativa de demonstrar o orgulho nacional, pelos feitos alcançados ao longo da história, não poderia faltar a descoberta do Brasil, com relatos de outro grande contador de histórias, Pêro Vaz de Caminha, um escritor que se notabilizou ao descrever as peripécias da armada de Pedro Álvares Cabral, em 1500. Este episódio está no painel quatro denominado "Descoberta do Brasil" e "Pedro Álvares Cabral".

Este quadro não está datado, mas sabe-se que foi pintado na mesma época dos outros, isto é, entre Maio e Setembro de 1933, ou seja, em pleno período de reafirmação do salazarismo, que viria a prolongar-se por uns intermináveis 48 anos.

Neste quadro de Jorge Colaço, também na "Sala da Secretaria, são visíveis todos os pormenores descritos por Pêro Vaz de Caminha na sua carta ao rei de Portugal, D. Manuel I, quando chegou ao Brasil juntamente com Pedro Álvares Cabral. «Andam nus e se alguns cobrem, com vestidos que fazem de penas de papagaios e outras aves



> Painel sobre a Descoberta do Brasil

de diversas cores, tecidos com fio de algodão; os vestidos são umas fraldas que lhes chegam até aos joelhos, e barretes de umas tiras ou capelas que põem à volta dos braços, com manilhas, tudo das mesmas penas». Um relato que mostra a estupefação do narrador quando viu os índios, que afinal não eram índios, sem qualquer roupa.

Evangelização dos Nativos

Na mesma carta, o autor deixa-nos perceber o período festivo em que chegou ao Brasil, período pascal, ao mesmo tempo que dá conta do início do trabalho de cristianização/evangelização dos povos nativos.

«Ao Domingo de Pascoela, pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir a missa e pregação naquela ilha. Mandou a todos os capitães que se apresentassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar pavilhão e dentro dele levantar um altar muito bem corrigido. E ali com todos nós outros fez dizer a missa (...) Ali era o capitão a bandeira de Cristo com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Curiosa é a designação "ilha", quando se tratava de um dos maiores países do mundo.

O episódio da tomada de Ceuta, no

Norte de África, cidade rica, principalmente em especiarias, e um ponto estratégico nas expedições contra o islamismo, mas também no fervor expansionista de Portugal, consta dos grandes feitos dos portugueses. Por isso, também mereceu a atenção do pintor Jorge Colaço. A façanha do Infante D. Henrique, em 1415, é valorizada essencialmente pela estratégia adoptada, nomeadamente o efeito surpresa, que levou com que a conquista fosse assegurada rapidamente, como rezam as crónicas.

Um facto que não impediu que tenha havido grande mortandade e pilhagens, típicas em situações de conflito.



> Infante D. Henrique, na tomada de Ceuta, em 1415



> Episódio do encontro entre Vasco da Gama e Alexandre Magno

D. NUNO ÁLVARES, QUASE SANTO NÃO PODIA FALTAR

Grandes batalhas portuguesas perpetuadas por Jorge Colaço

Tratando-se de perpetuar factos históricos que encham de orgulho o país, como pretendiam António Rodrigues Alves de Faria e Jorge Colaço, ambos imbuídos do espírito nacionalista da época, não poderiam faltar as grandes batalhas nacionais. Nesta página, aproveitando os painéis de azulejos, vamos falar das míticas e milagrosas, sem deixar de ser históricas, batalhas que consolidaram a independência nacional: a Batalha de Ourique e a Batalha de Aljubarrota.

Recorrendo um pouco à História, a Batalha de Ourique, aconteceu no dia 25 de Julho de 1139, dia que a Igreja celebra São Tiago, conhecido por Santiago-Mata-Mouros, representado em vários quadros. A célebre peleja deu-se nas charnecas de Ourique, no Baixo Alentejo. Ismar, o rei mouro, convocou todos os exércitos muçulmanos para combater as tropas de D. Afonso Henriques.

«O nosso primeiro rei apelou aos valentes soldados que aquela era uma guerra santa e que em virtude daquele ser o dia de Santiago – o mata-mouros, este ajudaria os exércitos portugueses e daria a vitória aos cristãos. Os mouros foram, de facto, derrotados e aceitou-se que esta vitória se deveu a um milagre», refere Albino Penteadado Neiva, num trabalho sobre os painéis de azulejo de Forjães. Só neste quadro estão 168 azulejos, formando um dos muitos pintados por Jorge Colaço entre Maio e Setembro de 1933.

Outra das batalhas míticas, pelo menos na versão portuguesa, foi a famosa Batalha de Aljubarrota, entre as tropas castelhanas, ajudadas pelos franceses e as tropas portuguesas, que muito esperaram pela ajuda dos ingleses, uma ajuda que não chegou a tempo.

A crise que viria a dar início à Bata-

lha de Aljubarrota começou depois da morte do rei D. Fernando, ficando como herdeira do trono português a sua única filha legítima, D. Beatriz, casada com D. João I de Castela. Por isso, os notáveis portugueses temeram, e com razão, pela soberania portuguesa e declararam D. João I, rei de Portugal. A crise, que redundou em guerra civil, começou em 1383 e só terminou no dia 15 de Agosto de 1385, com a vitória dos portugueses. Uma guerra feita por D. João I de Portugal, filho ilegítimo de Dom Pedro e de Dona Inês, com a orientação no terreno do agora beato D. Nuno Álvares Pereira.

Apesar de ser uma data com muita importância religiosa, Assunção de Nossa Senhora, o mérito desta batalha foi atribuído mais a uma ardilosa estratégia de D. Nuno Álvares Pereira, do que propriamente a um milagre. Ainda assim, diz-se que, o Santo Condestável, conduziu «com fé e heroicidade, esta demanda e levou os soldados e a população a gritarem "Portugal! Portugal! Por El-Rei D. João!».

A título de curiosidade, sabe-se que D. Nuno Álvares Pereira, já beato, está prestes a ser declarado santo, provavelmente durante o próximo ano, segundo o cardeal D. Saraiva Martins. Embora, aos olhos do povo, já o seja. A batalha de Aljubarrota viria a inspirar a construção do Mosteiro da batalha

Afonso de Albuquerque e a tomada de Ormuz

Neste "esgravatar" de grandes acontecimentos da História de Portugal, Jorge Colaço e Rodrigues Alves de Faria também quiseram valorizar a insistência de Afonso de Albuquerque, na tomada de Ormuz, uma cidade da pequena ilha de Gerum, no Golfo Pérsico. Reza a história que, na sequência da expansão portuguesa para a Índia, Afonso de Albuquerque



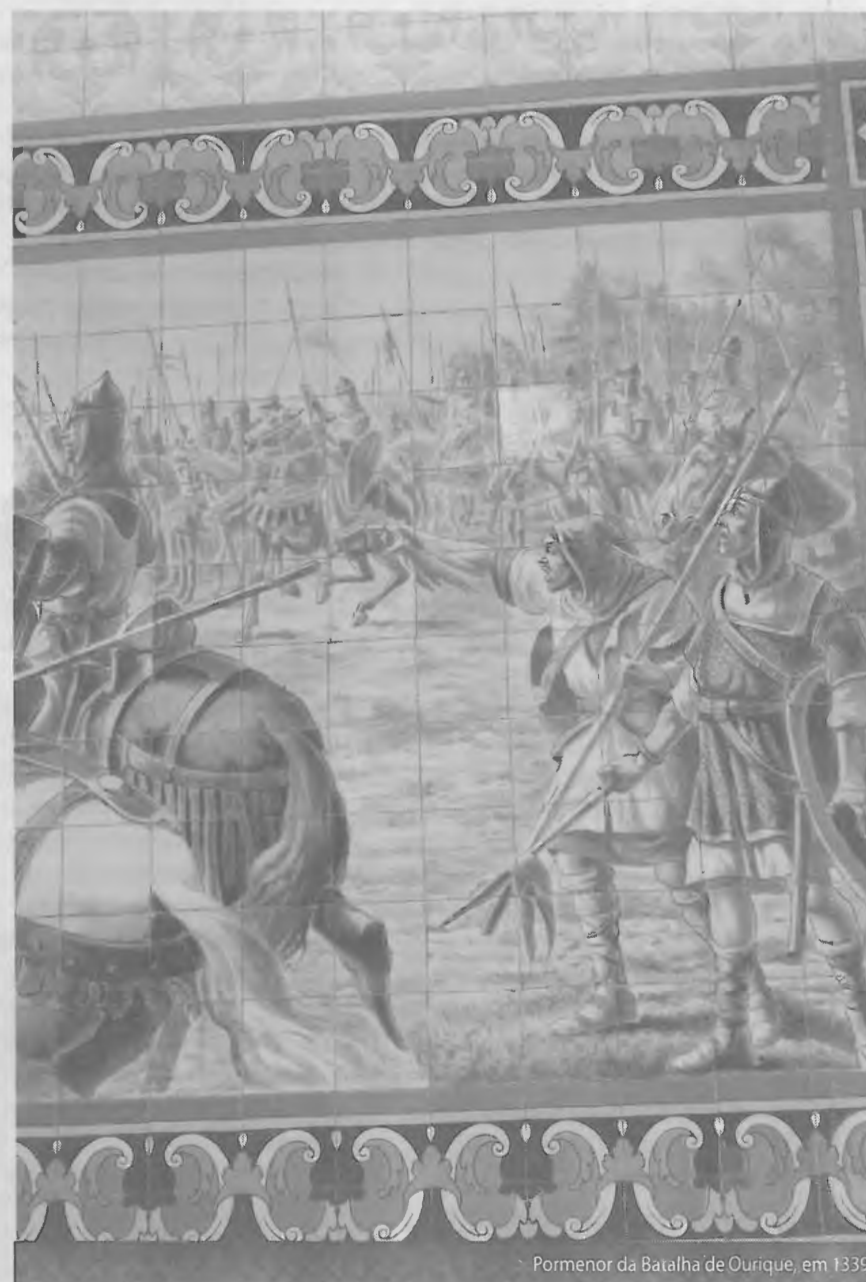
Nuno Álvares Pereira, em oração

que atacou a cidade de Ormuz em Outubro de 1507.

O "invasor" chegou a Ormuz com fama de grandes feitos e pelos terrores praticados. Por isso, não se intimidou com a «grandeza da cidade, a infinidade de navios que coalhavam o porto e a muita gente a cavalo». De facto, dominou a cidade e quase conseguiu construir o Forte de Nossa Senhora da Vitória. No entanto, no ano seguinte, foi obrigado a abandonar o projecto, por causa da deserção de três capitães.

Não desistiu do intento e, em 1515, já como governador da Índia, reconstruiu a fortificação, denominando-a por "Forte de Nossa Senhora da Conceição de Ormuz".

Este quadro decora a Biblioteca do Centro Cultural.



Pormenor da Batalha de Ourique, em 1139



D. Afonso Henriques, na Batalha de Ourique

Forjães sabe que possui um património único no país

O presidente da Junta de Forjães afirma-se convicto que a freguesia sabe que tanto os painéis de Jorge Colaço como o edifício onde eles estão patentes, isto é, a antiga escola primária Rodrigues de Faria, hoje Centro Cultural e sede da autarquia local, são um património único no país e que, por isso, são preservados com a dignidade que eles merecem. «Eu posso dizer que fiz aqui a escola primária e, desde muito cedo, toda a gente de Forjães teve a noção da importância deste edifício e dos painéis que aqui estão, até porque os professores faziam questão de nos fazer chegar essa mensagem», afirma Benjamim Pereira. Segundo o autarca, todos aqueles que frequentaram o ensino primário naquela escola sentiram uma grande honra e um privilégio de estar num edifício totalmente diferente dos outros estabelecimentos de ensino. Ali tiveram todas as condições, que noutros locais não existiam, para realizar diversas actividades, como, por exemplo, educação física. Por outro lado, acrescenta, no interior, os painéis de azulejos de Jorge Colaço serviram, inclusive, para dar algumas lições de história. «Portanto, fomos sempre habituados a respeitar e a valorizar este património que temos na nossa freguesia», salienta.

Por isso, a Junta de Freguesia pretende agora divulgar ainda mais todo este conjunto, isto é, o edifício e os painéis que enriquecem as quatro antigas salas de aulas. O presidente da Junta de Forjães lembra as obras de restauro que foram realizadas há poucos anos e que permitiram dar um ar novo à antiga escola. «O edifício, desde que foram feitas as novas escolas primárias, estava um pouco degradado e foi realizada uma intervenção que se concluiu em 2001. Agora que ele está recuperado, os projectos que planeamos para o futuro passam por conseguir levar as pessoas ao interior do edifício e, para isso, teremos que fazer acções de divulgação do património que cá temos. Nós vamos levar isto a uma grande parte do país» sustenta. Benjamim Pereira acredita mesmo que este trabalho a realizar terá sucesso, uma vez que os painéis de Jorge Colaço, por si só, são já uma exposição permanente. «Se conseguirmos aliar esta exposição permanente a outro tipo de exposições ou de iniciativas, como as conferências que já aqui realizámos, e trazer as pessoas para esses eventos, eu penso que conseguiremos ter sucesso», realça. Assim, um dos grandes objectivos do autarca é dinamizar o espaço, principalmente, aos fins-de-semana, fazendo passar a ideia que estas obras de arte são para ser apreciadas por todos e não apenas pelos intelectuais.



> Edifício foi recuperado há poucos anos



> Em Forjães funciona a Ludoteca Municipal

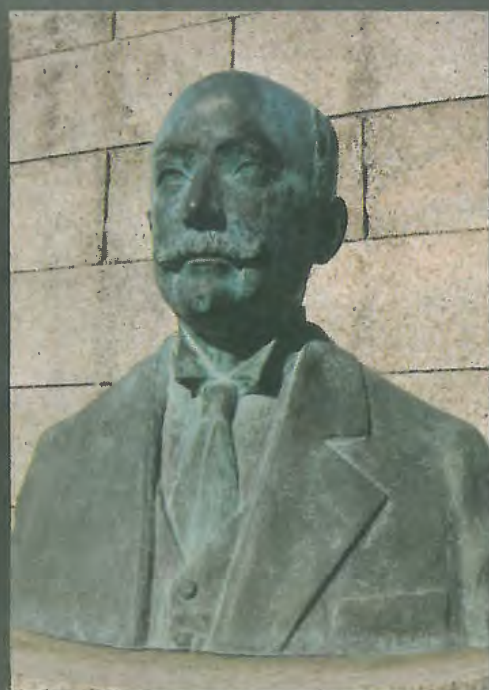
Painéis serão sempre bem preservados

Benjamim Pereira garante, por outro lado, que aquilo que está a acontecer com os painéis de Jorge Colaço na Estação de S. Bento, no Porto, jamais se repetiria em Forjães. Recorde-se que, recentemente, vieram a público notícias que alguns azulejos estão a descolar-se e que a solução provisória encontrada para remediar a situação foi fixá-los com fita-cola. «Isso, connosco, nunca aconteceria. Temos pessoas muito bem informadas. E, nós temos a verdadeira noção da importância destes painéis. Na minha mão, e de toda a gente de Forjães, os painéis de Jorge Colaço nunca passarão por essas situações», garante o autarca. Para o historiador Manuel Albino

Penteado Neiva, não há dúvidas que Jorge Colaço deixou um conjunto de obras em Forjães que «urge ser dado a conhecer e até a ser estudado, porque estes painéis estão pouco divulgados». «Eu trouxe aqui o professor José Hermano Saraiva para um dos seus programas "A Alma e a Gente" e ele ficou admirado com estes painéis, admitindo que não os conhecia e que pouca gente os conhece», conta. Assim, na opinião de Manuel Albino Penteado Neiva, este «é um espaço museológico espantoso», que merece uma visita. As obras que foram realizadas no edifício em 2001 não alteraram as características arquitectónicas da antiga escola e os painéis foram apenas consolidados, mantendo-se em perfeito estado de conservação.



> Uma das salas onde estão os painéis acolhe uma biblioteca



> António Rodrigues de Faria fez fortuna no Brasil e, não tendo descendentes directos, investiu o seu dinheiro no desenvolvimento da sua freguesia, Forjães, e do seu concelho.



> Entre as várias recordações que estão presentes no átrio interior da antiga escola, está patente ao público a tesoura que foi utilizada na inauguração do estabelecimento de ensino e que foi oferecida por uma ourivesaria da cidade do Porto.



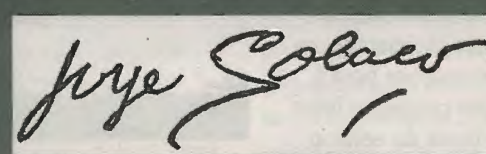
> No dia da inauguração da escola, que aconteceu a 23 de Dezembro de 1934, foi servido um lanche a todas as crianças da freguesia. Uma pessoa guardou o prato que lhe deram na altura e doou-o agora para figurar como um testemunho da efeméride.



> No átrio da antiga escola ainda se guarda uma das carteiras primitivas do estabelecimento de ensino. Na altura em que o estabelecimento de ensino foi construído, António Rodrigues de Faria teve a preocupação de comprar o melhor mobiliário existente no mercado.



> A escola primária Rodrigues de Faria foi considerada, em termos arquitectónicos, um exemplo no país. Entre as várias personalidades que visitaram o estabelecimento de ensino encontra-se Oliveira Salazar, cuja assinatura, a primeira no topo da página, figura no livro de registos.



> A assinatura do artista Jorge Colaço figura em todos os painéis de azulejos historiados existentes nas quatro salas de aulas da antiga escola Rodrigues de Faria, que foram elaborados em 1933, livro de registos.